

Notícias de Barcelos

Director e Proprietário—João Batista da Silva Corrêa

Redacção e Administração
LARGO JOSÉ NOVAIS N.º 8
BARCELOS

EDITOR—ANIBAL BELEZA FERRAZ
PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MARINHO
Telefone 123—BARCELOS

NOTAS DE LISBOA

4 DE MAIO

Os tais 121 comunistas espanhóis que regressaram de Moscovo, têm sido alvo dos jornais da grei, que os assediavam com perguntas acêrca do Paraíso Vermelho, forjadas para o efeito de exaltar as excelências dêste.

Em resumo, a vida do operário russo, com médico, farmácia e subsídios, além dos abatimentos nos teatros, nos cinemas, nos campos de desportos, etc., é «uma vida magnífica e humana».

Todavia, ao perguntar-lhes o redactor do *Mundo Obrero* porque tinham regressado a Espanha, aos desgraçados, caindo-lhes a máscara da imposição encomendada, o coração alforou-lhes à boca, já sem fôrça para o conter: «Tinhamos saúdaes da terra... da família, dos amigos, da casa».

«Quereis, leitor, prova mais flagrante de como a vida do operário russo é «magnífica e humana» lá no senhorio de Estaline? São comunistas que o provam, regressados há poucos dias da Rússia, donde parece que se dispunham a fugir, logo que a pátria os recebesse. Convenha o leitor comigo que não há argumento mais esmagador contra a felicidade social do bolchevismo russo.

A *Revue de Science et de Législation Financière*, que se publica em Paris, reproduz, no número de Março dêste ano, a nota oficiosa de Salazar a respeito do *Anuário Estatístico* da Sociedade das Nações, que, em matéria de orçamentos dos Estados, coloca Portugal na categoria dos Estados com deficit. Nesse mesmo número da revista francesa, lêem-se estas palavras de justiça à verdade: «Esta nota (a nota oficiosa de Salazar) tem grande interesse científico, porque apresenta uma nova prova da dificuldade que há em comparar os Estados uns com os outros. Para alcançar resultados satisfatórios, é necessário começar aplicando o princípio fundamental de que só se comparam coisas comparáveis. E' preciso, portanto, fazer uma série de correcções, que muitas vezes se esquecem, na prática.»

Venham agora os financeiros de pacotilha, dos que se coçam às esquinas ou botam farfalhado artigo nas gazetas, dizer que... o dito anuário é que fala como gente que sabe do officio, e os números de Salazar são uma mistificação.

Estes tipos, se de facto tivessem umas lambuzadelas de ciência, há muito dariam ao demo o anuário da S. D. N. que, sendo estatístico, não corresponde à responsabilidade do nome e do organismo que o publica. Mas ainda lhes há-de servir, para atear a chama sagrada dos Princípios...

Os extremistas espanhóis de Brenes assaltaram a igreja, destruindo tôdas as imagens e os ornamentos religiosos, entre os quais um quadro do século XVII.

Há quem diga, com medo à verdade, que estes assaltos são casos isolados, como se não obedecessem ao mesmo pensamento comum de ódio à Religião, e não prenunciassem já o que há-de ser das igrejas espanholas, logo que os Caballeros se sentarem no Poder.

Tambem é verdade que, não havendo nos conservadores uma fé religiosa por ai além, pois que a êste respeito o

O 28 de Maio e os trabalhadores

Se há classe em Portugal a quem cumpra festejar com verdadeiro e sentido patriotismo o aniversário da Revolução de 28 de Maio, ela é, sem dúvida a classe operária.

Em todos os sectores da vida portugueza se tem feito sentir de forma bemfazeja a acção admirável do Estado. Mas, aquele onde essa acção tem sido mais instante, é incontestavelmente, no meio trabalhador, talvez, porque, também, fôsse êsse o sector mais abandonado, mais esquecido pelos que, durante anos que pareceram sem fim, governaram Portugal.

Cuidando com o mais acrisolado carinho da organização corporativa, o govêrno saído da Revolução Nacional tem dispensado aos interesses das massas trabalhadoras a mais desvelada atenção. Se nem só para ela se fez o movimento renovador de 28 de Maio—porque Revolução jamais poderia ser para só uma classe aproveitar—são, sem dúvida os trabalhadores aqueles que melhores frutos tem colhido da vitória.

E senão vejamos:

Em 28 de Maio o operariado vivia todo ele orientado por «meneurs», por agitadores de profissão que não defendiam nunca os interesses da colectividade, mas antes se limitavam a defender os próprios interesses. Tinha como base de toda a sua organização as anarquicas e revolucionarias associações de classe, verdadeiras conezias para alguns poucos, quando não—o que acontecia quasi sempre—verdadeiros focos revolucionarios, autenticos centros de agitação. Para substituir as asso-

ciações de classe criou o Estado Novo: os Sindicatos nacionais verdadeiras casas dos trabalhadores e para os trabalhadores, onde se curam dos interesses profissionais, onde se tem em conta os direitos justos dos operarios, embora jamais se lhes acene com a miragem de coisas impossiveis.

Olhou-se para a falta de assistencia que tinham os operários e deram-se instituições de Previdencia Social.

Criaram-se as Casas do Povo, nos meios rurais e nas cidades construíram-se bairros económicos, deu-se aos trabalhadores condições de vida que até então não tinham.

Poz-se termo, de vez á luta de classe. Mas, para isso não se consentiu, que nem o trabalho nem o capital afirmassem superioridade um sobre o outro porque ambos são na organização corporativa valores de estimar e ter em conta. E então, surgiram os contratos colectivos, obrigou-se ao cumprimento do horario do trabalho outróra tão esquecido...

Cuidou-se da situação dos que viviam sem ter onde empregar a sua actividade. E criou-se o fundo do Desemprego mercê do qual se resolveu a situação de não poucos operários que viviam a braços com a miséria.

Tem sido desta forma que o Estado Novo tem cuidado da situação dos operários. Por isso, razão ha em afirmar que se ha classe em Portugal, que deva comemorar com júbilo a data de 28 de Maio, ela sem duvida é a classe trabalhadora, para qual a Revolução Nacional foi bem o rasgar franco de grandes e melhores caminhos.

A PROPOSITO AINDA DA FESTA DO TRABALHO

O notável discurso do snr. ministro do Comércio e Indústria

Conforme prometemos, transcrevemos hoje na íntegra o notável discurso de S. Ex.ª o sr. dr. Pedro Teotónio Pereira, illustre titular da pasta do Comércio e Indústria, pronunciado na tribuna logo após a passagem do Cortejo do Trabalho e ouvido por milhares de pessoas. Ei lo:

«1.º de Maio, Festa do Trabalho no

conservador ainda é um liberal, um comodista,—o comunismo será dissecado em tôdas as faces da vida material; mas na Religião, no ódio que entranhadamente lhe professa, isso fica, não para as realidades tangíveis, mas para a consciência... dos beatos. Tal qual, ao vezo dos que, prêgando o espirito acima da matéria, andam seriamente embaraçados com definir aquele, à míngua de espirito próprio afogado na abundância do seu materialismo de vida.

Pois, meu caro leitor,—se não consideramos o comunismo naquilo que lhe dá fôrça de mal temível, no ódio fi-

ano X da Revolução Nacional!

Trabalhadores portugueses que me escutais: Não veio hoje aqui comungar connosco na exaltação desta hora de alegria e de fé, aquele que tem sido o primeiro de todos, no trabalho e na gloria do resgate da Nação.

Saudemos o nome de SALAZAR!

Em 28 de Maio o Exercito, ultima-

galda à Religião, a tôda a idéia de Deus, pode crer que o não compreendemos e não lhe oporemos fôrça que valha, capaz de o derrubar, por onde se derrubam as árvores gigantes e lhes damos cabo da raça.

Os comunistas ainda são lógicos, porque, se o comunismo é o marxismo e o marxismo é o materialismo, a Religião é o centro de tôdas as suas investidas de destruição, que não perdem nem afrouxam de mira.

Nós... temos medo à verdade tôda, somos uns pintalgados de reacção e cobardia, uns... —o leitor que acabe.

A. da F.

reserva para a defesa da honra da Pátria, deteve-nos á beira do abismo. Começou a seguir o esforço titanico que deveria trazer-nos ao limiar do Estado Novo. Não bastava pôr a casa em ordem nem curar as feridas do desesperado calvario de tantos anos. Os horisontes da Revolução Nacional alargaram-se cada vez mais como acontece quando se ganha altitude em busca de objectivos que pairam muito acima. Dos cuidados de uma ditadura administrativa, passamos rapidamente á reforma do regime politico. E depois, a nossa mocidade ardente seguiu com deslombamento e emoção o CHEFE que lhe apontava o caminho de mais profundas transformações no campo economico e social.

Declarações da Sala do Risco, «Conceitos Economicos da Nova Constituição», e finalmente em 23 de Setembro de 1933, o Estatuto do Trabalho Nacional.

Ha dois anos em Braga. O ano

Continua na 4.ª pagina

A festa do trabalho

Se aqueles milhares de trabalhadores que assistiram há dias, em Barcelos, á sua festa do trabalho, recordassem com conhecimento de causa, a história dêste dia, chegavam fatalmente á conclusão de que alguma coisa de novo se passa em Portugal e que estas comemorações de agora não têm semelhança nenhuma com as paradas desordenadas e sem nobreza do tempo dos partidos.

Eu sei que não pode ser outro o seu pensamento nem outra foi a causa do entusiasmo com que esta festa se realizou nos últimos anos em Braga e Guimarães.

Mas queria, por ser necessário e da maior justiça, que todos êles pensassem realmente a sério na razão de tal diferença para que do confronto estabelecido êles podessem mais facilmente tirar a conclusão de que só por virtude dos princípios e dos métodos do Estado Novo é que esta reeducação do povo se tornou possível e só por virtude deles também é que o povo tem hoje a tranquillidade, o respeito e o carinho para poder manifestar-se desta forma e ser atendido pelos governantes nos seus direitos mais sagrados e nas suas mais justas aspirações.

E o que custa de resto, se todos nós nos lembramos ainda da balbúrdia passada, pôr na nossa frente as desordens sangrentas e desacatos, as manifestações ridículas e as reclamações nunca atendidas, impostas ao governo, sem prestígio e sem força, para os comparar com a ordem, o respeito, o entusiasmo e a confiança com que hoje o nosso povo trabalhador realiza a sua festa do trabalho e procura, por meio dela, não provocar o governo ou os outros elementos da produção mas irmanar-se com o patronato e mostrarem áquele assim reunidos, a gratidão por tantos benefícios já recebidos e a confi-

ança inabalável de que o Estado Novo Corporativo levará ao fim, sob a orientação de Salazar, a obra admirável de reconstrução material e moral, que há-de fazer de Portugal uma grande e próspera Nação e dar a todos os portugueses a segurança e bem-estar a que sempre aspiraram.

Deve ser essa, repito, a conclusão tirada por êsses milhares de trabalhadores, que assistiram á festa de Barcelos, e, porventura, a dos outros portugueses que, de boa-fé, acompanharam tam patriótica e significativa jornada de todos os recantos de Portugal, mas é indispensável que êste efeito da obra de Salazar encontre também as suas causas porque é indispensável levar mais fundo a Revolução e criar, para além dos entusiasmos momentâneos, a convicção desinteressada e honesta de que o ressurgimento do país não é obra do acaso ou tarefa cómezinha mas unicamente resultante duma doutrina e dum método concebidos com inteligência e honestidade e postos em prática de harmonia com as realidades nacionais.

E' indispensável, em resumo, que a nossa adesão ao Estado Novo seja consciente e muito séria para que a acção de cada um se enquadre perfeitamente na dos outros e o governo possa confiar mais no auxílio que devemos prestar a essa sua obra de ressurgimento nacional.

Ora como isso só se consegue pela educação é que eu peço a todos, e agora muito especialmente aos trabalhadores, que recordem e comparem a história desta festa para que o seu entusiasmo, esclarecido e mais firme, se propaga e convença todos aqueles que, por qualquer razão, ainda desconhecem ou atacam a obra e os princípios do Estado Novo Corporativo.

A Aposentação dos Funcionários

O Decreto-lei n.º 26.115 que reformou os vencimentos do funcionalismo civil, pondo termo ás incongruências de uma legislação dispersa em que se verificava toda a classe de anomalias, com prejuizo da boa ordem dos serviços público e até da moral, continha disposições relativas á aposentação dos funcionários, em ordem a garantir-lhes que as pensões viessem a corresponder aos vencimentos que passaram a ter.

Tinha-se formado a ideia de que a aposentação dos funcionários constituía uma obrigação do Estado e não uma forma de seguro a cargo dos mesmos. Deu-lhe origem o sistema adoptado quando, pela desvalorização monetária, se efectuaram essas actualizações de vencimentos, supostas transitórias. Integrados, em 1927, melhorias nos vencimentos, considerou-se, porém, que as cotas para a Caixa de Aposentações representavam praticamente um aumento, visto não serem deduzidas nos vencimentos. Daí resultou andar no Orçamento um subsídio á Caixa de Aposentações de 69.000 contos, que teóricamente representava a cota dos funcionários e o encargo que o Estado assumia de actualizar as pensões anteriormente concedidas.

Criada em 1929 a Caixa Geral de Aposentações, manteve-se até há pouco o mesmo regime, aguardando oportunidade de uma revisão que adequasse os vencimentos ás condições precisas para se pôr em prática o salutar princípio de que a aposentação dos funcionários deveria ser por eles ganha. Assim acontecia anteriormente, embora sem a observância de regras técnicas, pois que os funcionários descontavam para aposentação 5% sobre os seus vencimentos.

Não fazia sentido, nem seria justo nem moral, que, ao contrário do que acontece a qualquer outra classe de trabalhadores, os funcionários tivessem o privilégio de se aposentarem a expensas do contribuinte.

Com a reforma de vencimentos supra-citada estabeleceu-se que os funcionários garantiriam o seu direito á aposentação, mediante o pagamento de uma cota de 3%, devendo, porém, in-

demnizar a Caixa com uma cota suplementar de 2% ou 1% sobre os seus actuais vencimentos, em função do número de anos de serviço anteriormente prestado, e pagável em prestações. Com isto se obteria a compensação necessária para que a Caixa fizesse face aos encargos de pensões futuras, para as quais os subscritores não tinham integralmente contribuído.

Ter-se iam lamentado alguns funcionários por o encargo resultante lhes diminuir vencimentos líquidos. Muitas dessas queixas levantaram clamor, menos talvez dos próprios interessados do que de elementos que procuram aproveitar-se de descontentamentos legítimos ou ilegítimos.

Com singular isenção e superioridade de espírito, o autor da reforma declarou que ela não podia ser completa nem perfeita nem definitiva. O *mare magnum* da desordem sobre que teve de alicerçar-se, dominando-a, daria ocasião a que, na prática, se verificassem quaisquer anomalias. Esta afirmação bastava para que se confiasse na justiça que é timbre do actual sistema de governo e que é preocupação dominante dos seus chefes.

É assim que em novos moldes veio a ser estabelecido o regime das cotas para a aposentação. O Decreto-lei N.º 26.503, de 6 do corrente, resolve pela forma mais equitativa o problema, determinando que nos vencimentos superiores a 600\$00 a cota seja de 4%, mantendo-se a de 3% para os vencimentos inferiores áqueles. A indemnização para ocorrer aos encargos resultantes das pensões baseadas nos actuais vencimentos é reduzida para 1% e o seu pagamento só é devido depois de aposentado o responsável, e em número de prestações tal que não torne a pensão inferior á que o funcionário teria direito antes da remodelação dos vencimentos.

Outra medida é promulgada, em plena identidade com o pensamento que orienta a vida social portuguesa, tornando extensivo o direito de aposentação a todos os contratados e assalariados que façam parte dos quadros civis dos estabelecimentos e serviços do Estado, constantes da lei ou apro-

vados pelo Ministério competente.

O reconhecimento dêste direito representa um acto de justiça, pois que de outro modo seria negado aos servidores do Estado, não compreendidos no exercício de funções vitalícias (aparte alguns que já usufruíam êsse direito) a possibilidade de beneficiarem de garantias na invalidez e na velhice que o próprio Estado procura estabelecer, por meio da organização corporativa, em favor dos que trabalham nas actividades privadas.

Aos mesmos e aos subscritores actuais se confere também a faculdade de promoverem que lhes seja contado o tempo de serviço prestado ao Estado anteriormente, que nos termos dêste decreto, deva ser contado para a aposentação, mediante o pagamento da cota legal, que pode ser feito em prestações.

Fica ainda o Governo autorizado a tornar o direito á aposentação extensivo aos funcionários dos corpos administrativos e a determinar a incorporação na Caixa Geral de Aposentações das caixas de reforma ou aposentações existam a cargo dos Corpos Administrativos.

MISSA

A Direcção do Recolhimento do Menino Deus mandou celebrar na sua Igreja, na segunda feira, uma missa sufragando a alma da sr.ª D. Marcelina Gomes Pena, mãe do sr. João Gomes Pena, residente no Rio de Janeiro, bemfeitor daquela casa de caridade. Assistiram as internadas do Recolhimento, que comungaram pela mesma intenção.



MANUEL AUGUSTO DE ARAUJO PASSOS

ENSAIADOR-ANALISTA E AVALIADOR OFICIAL DA COMARCA DE BARCELOS PELA CASA DA MOEDA

(CONTRASTE)

Avaliador da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

Ourivesaria e Relojoaria

Laboratório de ensaios químicos de metais preciosos

RUA D. ANTONIO BARROSO E LARGO JOSÉ NOVAIS (esquina)

BARCELOS

RADIO "PHILCO,"

Acompanhado do sr. Eurico Soucasaux, representante nesta cidade da acreditada marca do rádio «Philco», esteve na nossa redacção a apresentar cumprimentos de despedida, gentileza que muito agradecemos, o sr. Manuel Duarte, proprietário da cabine-sonora «Philco», que, durante as festas, esteve na Avenida Dr. Oliveira Salazar, e representante na Póvoa de Varzim, daquela marca «Philco».

Por aquela cabine foi transmitida a seguinte saúdação a Barcelos:

«A Póvoa de Varzim, a encantadora praia que da laboriosa população da provincia minhota tem recebido as mais inequívocas provas de deferência, quer procurando-a como o arroio busca a areia sequiosa, quer visitando-a numa constante peregrinação de bem querer, saúda, pela voz potente dêste Equipamento Sonoro, a graciosa e esbelta cidade de Barcelos que o Cávado arrulha na sua melopeia cantante, como dolorida endeixa de enamorado menestrel.

Ao dealbar das suas festas de Maio—as típicas e lendárias festas das Cruzes—a Póvoa do Mar vem dar a Barcelos o abraço da sua inabalável amizade e trazer o cumprimento afectuoso da sua solidariedade, da sua inalterável simpatia por esta terra forte pelo trabalho, notavel pelas suas tradições históricas e progressiva pelo esforço dos seus homens.

Aceite, pois a garbosa e louça cidade de Barcelos e todo o seu fecundo coneelho o tradicional Ala-ala-ala-arriba da Póvoa!

Ala-ala-ala-arriba por Barcelos!

JOÃO GOMES PENA

Este nosso patricio, que reside no Rio de Janeiro, não se esquece da sua terra.

Por intermedio do Sr. Francisco Moura Melo, do Porto, ofereceu 1.000\$00 ao Recolhimento do Menino Deus e igual quantia ao Asilo de Invalidos.

A Franqueira, que dentro de poucos anos será aquilo a que tem direito—uma bela estância de turismo—é áquele benemerito que deve as atenções que para ela principiaram a voltar-se. A estatua de Nossa Senhora ali levantada á sua custa, foi a origem dos melhoramentos que logo foram estudados e que lá tem sido feitos devido ao esforço duma Comissão de barcelenses que se interessam pelo progresso desta cidade.

Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes

PORTO

Saídas de Vinhos Verdes da região regulamentada, durante o mês de Abril:

Destino	vinho tinto Litros	vinho branco Litros
Porto	312.617	33.480
Lisboa	62.410	5.421
Diversas localidades	21.782	4.822
Entrepasto	42.524	6.865
Exportação	122.961	4.282
Total de litros.	562.294	109.870

TURISMO

No meio dos ecos das Festas passadas, o sentimento localista barcelense, cheio de legitimo orgulho, une toda a gente de Barcelos.

A nossa terrinha marcou, e as justas apreciações altamente elogiosas que mereceu aos visitantes compensaram o esforço dispendido.

Há ainda muito que fazer, e Barcelos tomou já responsabilidades que tem de honrar.

Para a resolução dos problemas locais torna-se, porém, indispensável a criação da consciencia colectiva relativamente a cada um.

Aos serviços publicos de «Turismo» compete uma serie de realizações.

Mas para bom êxito nas localidades onde actue, precisa da colaboração, da assistência moral dos habitantes.

Nas ultimas Festas já os serviços tiveram grande efficacia, o que não quer dizer falte ainda muitissimo para que se atinja o grau de eficiencia necessaria.

Como tive occasião de responder às perguntas do «Comercio do Porto» o Turismo pretende em Barcelos ser o ponto de convergencia de todas as boas vontades locais aproveitadas segundo a competencia de cada um.

Todos pretendem o aperfeiçoamento dos serviços, todos querem colaborar, mas a dispersão de ideias torna estereis quando não prejudiciais muitas dessas manifestações de boa vontade.

E' reconhecida a necessidade da instalação conveniente para os os serviços.

Mas como falta o conhecimento interno desses serviços, os alvitres e boas vontades contribuem sem querer para a desorientação.

Por isso entendi dizer aos barcelenses o que tem de ser a instalação local do «Turismo».

Com conhecimento da causa, podem depois oferecer-nos soluções praticas, em vez de fantasias.

Vejamos:

De que precisa o «Turismo» para suas instalações de serviço intenso:

1.º Um armazem de material de festas.

2.º Um arquivo e secretaria burocratica.

A resolução deste ponto do problema é, considerado expressamente sem interesse.

Posto de serviço.

O posto de serviço é, por assim dizer, a sala de espera do visitante.

Portanto tem de oferecer-lhe:

1.º Local e mobiliário onde possa descansar um pouco, distrair se com a leitura de revistas ilustradas de propaganda turistica geral do país, colecções fotograficas detalhadas da região barcelense.

Num local deverá encontrar o mais completo serviço de informações, telefone, venda de selos, postais, etc.

No mesmo local deverá encontrar à venda pequenas lembranças de cunho regional, cinzeiro de cerâmica caracteristica, miniaturas de louças, pequenas peças de bordado de crivo, bonecas vestidas com o traje regional, etc.

2.º Instalação sanitária completa, mesmo com banheira, sendo possível, que facilmente se obtém com dispêndio de montagem de 500\$00.

3.º Serviço combinado de refrêscos, fornecido por estabelecimento de industria particular.

Eis o que precisa o «Turismo» em Barcelos, o local em que reúne o que fica exposto, e de onde o turista parte para a visita dos museus, igrejas, etc., cujo serviço deverá estar organizado pelo «Turismo» bem como o de passeios e visitas no concelho, nomeadamente à Franqueira, Vilar de Frades.

Expostas as necessidades do «Tu-

UM REPARO

Alguém que assinou com as iniciais S. C. um artigo no último número do Barcelense diz que, se tivesse ido ao banquete oferecido pelo Município aos Senhores Ministros que nos visitaram no dia 1 de Maio, exporia várias causas que se referem à lavoura.

As iniciais marcam um nome que nós adivinhamos, tão explicitas e judiciosas são as considerações que faz e que estão no espirito de todos.

Mas o Sr. S. C. há-de permitir dizer-lhe que o Sindicato Agrícola, segundo nos informaram, elaborou uma representação para ser entregue ao Sr. Ministro da Agricultura, e, como não veio, foi essa representação enviada por intermédio dos Colegas de Sua Ex.ª

Transcrevêmo-la aqui para conhecimento dos interessados.

Senhor Ministro da Agricultura
Excelência:

O Sindicato Agrícola de Barcelos, representando a lavoura deste vastissimo concelho, mui respeitosamente saudava V. Ex.ª, felicitando-se pela visita de V. Ex.ª a esta nossa Terra e pela occasião escolhida.

Assistiu V. Ex.ª a uma grandiosa manifestação do Trabalhador agrícola, associando-se à Festa do Trabalho, mostrando o seu desejo de colaborar em tudo quanto seja Ordem e Trabalho, mas, Senhor Ministro, não julgue V. Ex.ª que o trabalhador agrícola desta região, embora exteriorise ruidosamente alegria, não sente felicidade, antes amargas desilusões torturam o seu coração e fazem-lhe ver o seu futuro e dos seus filhos bem sombrio.

Quási momentaneamente o lavrador viu desaparecer um dos maiores factores da sua economia—o vinho—pela applicação rigorosa da lei, obrigando-o a enertar e substituir em prazo curtissimo, vides em farta produção, desvalorizando o seu casal, embora para o Estado êle mantenha a mesma taxa de contribuição, o que não é justo nem racional.

O milho, com que podia suprir, em parte, a deficiência do rendimento da propriedade, tem mantido um preço de venda tão baixo que não é compensador, a desleal concorrência do milho colonial, de cultivo mais simples e compensador, vindo inundar a metrópole, ocasionou o desequilíbrio do preço:

Produzia este concelho trigo e de tal qualidade que foi classificado do melhor, sendo disputada a sua compra, sorrindo ao lavrador esta cultura, quando o seu preço o animou a semear, sem prejuizo das outras culturas; pode fazê-lo agora? não, e lhe proibido.

Região coberta de extensos pinhais, no desespero da vida difficil, o lavrador olhou para eles e foi-se, de machado em punho cortar aqueles que podiam dar-lhe o bastante para as necessidades instantes; mas outra desillusão lhe tolheu esse olhar angustiado porque os consórcios,—autênticos monopólios,—deram à madeira um preço por tonelada que é quási insignificante; faz dô, Ex.ª Senhor Ministro, assistir ao descaste dos nossos pinhais sem que isso se traduza sensivelmente na economia da região.

rismo» quanto à instalação, já os barcelenses ficam sabendo o que serve e o que não serve, e em vez de trazerem alvitres de boa vontade esteril, podem trazê-los de utilidade pratica prestando assim um serviço positivo à Terra e ao turismo nacional.

Venha, pois, a colaboração neste sentido, porque em breve, outra será pedida.

O Presidente da Comissão de Iniciação e Turismo de Barcelos

J. P.

Baixou estrondosamente de preço tudo o que a lavoura produz e subiu assustadoramente de preço tudo quanto a lavoura compra.—desequilíbrio angustioso, mantendo-se ou até subindo os impostos que a lavoura paga.

Pode assim viver-se com alegria? não, redondamente que não. Já vê V. Ex.ª, Senhor Ministro, que a alegria exteriorizada há pouco não é a realidade da vida do lavrador Minhoto; êle é que não quiz vir com lágrimas e queixumes empanar o brilho desta Festa mas pediu aquêles que o representam, o Sindicato Agrícola, a obrigação de transmitir a V. Ex.ª, Senhor Ministro a Justiça que lhe assiste para reclamar medidas salvadoras para o seu desespero.

Porque não se lhe facilita o crédito agrícola por forma a êle obter dinheiro com que possa melhorar e intensificar a cultura?

A Caixa Geral de Depósitos, celeiro enorme onde se amontôa numerário, a juro barato, fomentador, podia vir em auxilio da lavoura, mas sem peias burocraticas que fazem desanimar.

Os Grêmios, os consórcios deviam desaparecer do jôgo comercial, havendo a livre concorrência para assim o lavrador assistir à procura dos seus produtos por um preço compensador; tal como estão organizados servem apenas para enriquecer os grandes comerciantes.

Ex.ª Senhor Ministro da
Agricultura

Foi demorada e intensa a invernã, ocasionando dificuldades nos trabalhos agrícolas, vindo só agora o Sol alegrar a terra, como que querendo associar-se a esta Festa; não pôde o lavrador continuar a fazer a enertia dos produtores directos, no desejo sincero de obedecer à Lei; é de Justiça, é tudo quanto de mais humano ha que V. Ex.ª amplie o prazo para essa enertia? concedendo mais dois anos. E será ousadia pedir ainda mais uma graça? era uma anistia para aquêles lavradores que se viram enrodilhados nas malhas da Justiça pelo facto de muitos deles terem desrespeitado a Lei, violando os selos que detinham o seu vinho em vasilhas que se estragavam pela demora em ser retirado ou mesmo até, a maior parte, as vasilhas se esboroavam correndo o vinho a desperdiçar-se.

Porque não há-de a benevolência do Estado Novo, que timbra em mostrar-se sempre solícito em atender os humildes, praticar este gesto tão humano e que só lhe criaria mais simpatias?

Ex.ª Senhor Ministro, avizinha-se o dia 28 de Maio, e a lavoura deste concelho exaltaria de alegria ao ver publicada a anistia que aqui pedimos.

Vai longo este desabafo, Senhor Ministro, mas vamos terminar, pedindo a V. Ex.ª que demore a sua análise aos problemas agrícolas da região Minhota para que ela sinta cada vez mais o desejo de colaborar com o Estado Novo para que êle seja amado sinceramente pelo Povo, sobretudo pelo Povo que trabalha e produz, como é o lavrador, aquêles que cultivam a Terra e que faz a riqueza da Nação.

Tapêtes de flôres

Fôram muito apreciados, pelos milhares de forasteiros que nos visitaram durante as Festas, os tapêtes que adornavam os altares laterais do templo do Senhor da Cruz.

Os seus autores, os nossos amigos srs. José Serra B. L. Lobarinhas e José Cardoso da Silva, por êsse motivo, têm sido muito felicitados.

Exposição Regional Industrial e Agrícola

Merece duas linhas, sem pretenções a critica, a linda exposição que o nosso Concelho apresentou por occasião das grandiosas Festas das Cruzes.

Muito do que se fabrica e produz ali se representou condignamente, dando ao visitante a impressão do trabalho que vibra por todo o Concelho sob multiplos aspectos.

A Comissão organisadora caprichou na disposição que lhe deu, dispondo bem o espirito do visitante logo á entrada com os inumeros vasos ornamentais, difundindo no ambiente um ar de frescura e alegria.

As grandes Fábricas não faltaram com os seus mostruários, enriquecendo a Exposição e marcando o alto valor industrial da nossa terra.

A ceramica fez se representar largamente e constituiu a atracção constante dos extranhos e até dos barcelenses, muitos dos quais desconhecem a importancia de tal industria, bem regional, muito nossa, bem barcelense.

A louça vidrada, do sr. Sousa, no seu verde brilhante, modelada sob as mais variadas fantasias, veio provar quanto pode o esforço de um Homem que só tem a animal-o a intuição artistica e a vontade firme de triunfar.

O sr. Rodrigues, de Galegos, na especialidade de estatuetas, foi muito interessante, muito preciso mesmo nos menores detalhes, e mostra quanto tem progredido na especialidade a que se dedicou.

Mas, para nós, marcante foi a ceramica do sr. João Macedo, de S. Vicente de Areias, numa policromia a mais garrida, espalhada a arte pelos inumeros objectos expostos, qual deles o mais atraente, de linhas elegantes e bem lançadas, proporcionadas ao objecto em vista, acompanhando a evolução do gosto, embora adaptando-se às exigencias do mercado.

O sr. João Macedo é um verdadeiro artista, quer na concepção dos seus modelos quer na distribuição das cores, dando-lhes harmonia e graciosidade; não se pode exigir mais.

Uma sala que prendeu a atenção das senhoras foi a das Irmãs Missionárias, religiosas que teem nesta terra um esplendido collegio de eusino; a renda mais delicada, a pintura mais perfeita, as produções mais preciosas de mãos as mais hábeis tudo se acumulou naquela sala que era um mimo de arte e beleza.

E que dizer dos trabalhos de crivo?

S. Miguel da Carreira apresentou trabalhos notaveis, destacantes, parecendo impossivel que mãos simples produzam obras tão finas de concepção, verdadeiras maravilhas de perfeição.

De tudo apareceu naquelas salas decoradas com gosto, mostrando exuberantemente o valor do nosso Concelho.

A secção agricola, embora mais reduzida, também foi valioso documentário.

Voltamos a dizer que foi um número que não devia deixar de se fazer, avaliando se o movimento de forasteiros que se esperavam e assim, demoradamente analisando, veriam como é Barcelos.

Rancho Minhoto

No próximo domingo, 17, o Rancho Minhoto, festeja o seu 3.º aniversário.

No dia 16 (sábado) dedicado aos sócios, realizar-se á o baile das Flôres. Os sócios só têm entrada, apresentando o recibo do mês de Abril e todos os individuos que não sejam sócios só poderão entrar com convites que podem ser requisitados ao director artistico do Rancho.

A sala de baile está a ser devidamente ornada.

O notável discurso do sr. ministro do Comércio e Indústria

Continuado da 1.ª página

passado em Guimarães. Hoje, em Barcelos. Pela terceira vez nos juntamos, patrões e trabalhadores do Norte, para celebrarmos a festa do Trabalho depois de promulgado o Estatuto, que foi a mais bela mensagem de paz, de justiça e de esperança que a Revolução Nacional nos endereçou, para levarmos distante o profundo e sulco da sua missão redentora.

* * *

Nós somos revolucionários no mais alto e nobre conceito que esta atitude pode traduzir, na hora em que passa no mundo um vento de desvaio. Somos revolucionários porque não estamos ligados aos erros e às mentiras que destruíram a alma das nações e encheram os povos de revoltas surdas e de miserias desesperadas. Somos revolucionários porque não somos conservadores e porque não cruzamos os braços. O drama dos tempos modernos encontra-nos de pé, prontos para a luta e seguros da vitória.

A subversão temerosa que ameaça os povos doentes não assusta aqueles que se lancem à conquista dum grande ideal e que tenham a servi-los uma geração de sacrifício. Portugal possui hoje essa doutrina e essa força: a mística da revolução corporativa e as fileiras cerradas dos que acorrem ao seu apêlo.

Todos sentimos que sopram no mundo ventos de perdição. E bem expostos a deixarem-se arrastar na sua miragem mortal, estão os pobres, os simples e humildes. Mas se alguém disser que o perigo de tal ameaça reside sobretudo na força das idéas, nós responderemos:

—As idéas dos novos barbaros que outra vez despontam do lado da Ásia, nós opomos outras idéas. Idéas que teem, é certo, raízes eternas, porque ha oito séculos nos reúnem á volta do nosso lar de portugueses e de cristãos e nos levaram pelos quatro cantos do mundo a espalhar ás mãos cheias luz de civilização e sentimento de humanidade entre povos muitas vezes barbaros, fanaticos e ferozes. Mas também idéas tão profundamente apaixonadas pela conquista do futuro, que não toleramos que outros nos pretendam sair ao caminho e proclamarem-se mais do que nós, homens da vanguarda.

As promessas dos nossos inimigos, nós respondemos com factos. Trabalhamos apaixonadamente pela renovação económica e social da terra portuguesa e apezar das dificuldades sem conta que tivemos e temos de enfrentar —crises tremendas que não findam, a incerteza destes tempos duros, guerras económicas entre os povos, se outras mais trágicas se não preparam e ainda este ano a invernia tão cruel que deixou a sangrar a nossa gente dos campos—apezar de tais dificuldades e de tantas outras, o nosso esforço prossegue alegremente e com alma para muito mais.

Muito ha ainda que fazer! Ramos inteiros da vida agricola, comercial ou industrial que não estão organizados, que pairam como navios sem leme no meio deste ciclone da vida económica em que dum momento para o outro tombamos da crise de escassez em crise de sobreprodução, ou desta naquela. Ou grandes massas operárias que muitas vezes ganham salários infimos e não teem ainda a defendê-las aquele conjunto de instituições que julgamos necessário e justo.

E' verdade! Não pudemos chegar ainda a toda a parte nem acudir a todos os males. Mas quem ousará pôr em duvida o largo caminho já percorrido, as pedras brancas de vitória erigidas pelo nosso esforço?

Como maré cheia que sobe e alava avassaladamente, o

O MANDO TRANSIGE

As forças da desordem, em Espanha, começam a impor aos governantes determinadas medidas de perseverança ás organizações das direitas que se lhes opõem.

Felicitado, há dias, o chefe do governo espanhol, sr. Manuel Azaña, pelos deputados socialistas, em virtude de ter tomado medidas contra os fascistas, aproveitou logo a oportunidade para afirmar:—«Espero que outras medidas serão tomadas de um momento para o outro e que vos causarão maior satisfação».

Sublinhámos nós a ultima parte do periodo, que é, realmente, dum clareza de intuitos que surpreende e, ao mesmo tempo, um sintoma evidentiíssimo dum doença grave que atacou os homens do governo espanhol, amedrontados ante a onda bárbara dos vários extremismos das esquerdas.

Essa doença grave outra coisa não é senão a fraqueza do mando perante uma força que se organiza e activa em campo contrário ao da ordem e que, em seu ímpeto anti-humano e trágico, tudo ameaça destruir numa espécie de turbilhão alucinado.

Quando um chefe de governo assim fala á gente que representa e defende, na ordem dos princípios e no plano dos factos, doutrinas que são contrárias a toda a sociedade de ordem e bem organizada, é porque, na verdade nenhum dos homens da governação pública a que preside tem já fé na manutenção do equilibrio social e político da Nação. E mal vai ao país cujos dirigentes perderam a fé na solidez da ordem e nos seus princípios e doutrinas basilares, sentindo que já não podem opôr ás forças extremistas, organizadas ou não, a força da razão ou mesmo a razão da força.

Senhoras do terreno que vão cal-

doutrinas corporativas alcança já Portugal inteiro. Cresce sem cessar o número dos convertidos e são verdadeiramente multidões que dia a dia abraçam a Ordem Nova. Mas porque a nossa obra, é obra de paz e de vida e porque queremos que ela perdure e vença através dos tempos novos, ela não se fará apenas com decretos e imposições legais e muito menos naquele estado de espirito de monstruosa abstracção daqueles que julgam possível reformar a humanidade tratando os povos como cobaias de ensaio no mais sinistro dos laboratorios. A organização corporativa terá de apoiar-se no esforço consciente, no sacrificio de uma larga parte do individual em favor do colectivo, na devoção de todos pelo bem comum.

As massas que trabalham nós temos que pedir confiança, unidade e também entusiasmo e vibração. Aos patrões temos de pedir alguma coisa mais:—que em todas as actividades apareçam homens competentes e idoneos capazes de se lhes confiar a delicada missão de dirigentes dos interesses organizados e de servirem através de uma verdadeira função social e económica, os fins superiores da Revolução Nacional.

Nesta maravilhosa parada do trabalho saudemos a ante-visão das corporações portuguesas. Será nelas que se conciliará e se concretizará o espirito de paz social, que voltaremos a recuperar o equilibrio perdido pelas quimeras do outro século.

Bem hajam os que aqui vieram cantar ao sol radioso deste primeiro de Maio, o hino de esperança que nos anda nos corações.

Trabalhadores portugueses! Vamos continuar a trabalhar juntos nesta tarefa sagrada de deixarmos aos nossos filhos um Portugal Novo!

cando e verificando que em sua frente não há mais que fraquezas a remover, desde os que governam até ao conservador comodista ou burguês pacato e egoista, estas forças extremistas espanholas campeiam de norte a sul, no país vizinho, como se os destinos dum nação de tão nobres tradições estivesse já preso de suas mãos.

Tumultos, mortes, incêncios, destruições de toda a ordem vão praticando, sem que uma reacção forte lhes detenha o passo e sem que o governo (peor ainda, senhores!) lance mão de meios apropriados e eficazes para que tamanho mal se localize e extinga.

Que os portugueses ponham nisto os olhos, meditem e aprendam. Muito teem que aprender sobretudo aquêles portugueses que, dizendo-se partidários da ordem e até da actual situação politica (parece incrível, mas é assim, infelizmente) se deixam contagiar por um mal grave e a que podemos chamar hiper-crítica. Com esta hiper-crítica, focando pormenores, desarticulando as coisas, desfigurando ou deturpando certas medidas ou realizações do Governo, não reparam que vão criando um ambiente propício ao desenvolvimento da desordem, que se esforça (graças a Deus, em vão...) a toda a hora por fazer ao menos umas pequenas demonstrações...

Não lho tem permitido nem lho permitirá jámais a força que serve o Estado Novo. Se num golpe de audácia ou num arrôjo desmedido, o extremismo acéfalo que vive por ai no escuro tentasse perturbar a ordem ou a perturbasse realmente, a sua aventura seria logo desfeita, aniquilada pela firmeza dos que teem a seu cargo manter a tranquillidade e a paz da Nação.

A. M.

TRIDUO

Na capela de São José, em honra de Nossa Senhora de Fatima, houve um triduo de praticas preparatorias para a festa que hontem se realizou.

As sete horas houve missa resada e Comunhão geral com uma alocução prévia.

Ao meio dia, e em comunhão com os peregrinos de Fatima que áquela hora na Cova da Iria faziam Subir ao Ceu as suas preces, missa solene cantada pelas educandas do Recolhimento do Menino Deus e acompanhada a orgão por uma Franciscana Missionaria de Maria.

No fim da missa foi exposto o Santíssimo Sacramento que se conservou em lausperene até ás 17 horas, havendo recitação do Terço, sermão, Tantum Ergo e benção com o Santíssimo Sacramento.

As praticas do Triduo e o sermão foram feitas pelo ex-abade de S. Nicolau (Porto) sr. Padre Manuel Marques da Silva, deixando nos fieis as melhores impressões pelas belas conferencias que fez no domingo, segunda e terça-feira.

Oxalá tenhamos o prazer de o ouvir mais vezes nesta cidade, porque agradeceu muitissimo a todos quantos assistiram a esta festividade em louvor da Virgem Nossa Senhora do Rosario de Fatima.

ESMOLA

Na caixa de esmolos do Senhor da Cruz, no mês de Abril, appareceu uma nota de 100\$00.

—Registamos, com agrado, tão boa nova.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

JUSTO LOUVOR

Do nosso presado colega *Noticias de Fozcoa*, transcrevemos gostosamente e com a devida vénia, a expressiva e nobilíssima carta que a nossa habil e distinta parteira sr.ª D. Laurinda C. Lebreiro, enviou áquele jornal, cujo director traçou o seu retrato moral nos seguintes e merecidos termos:

UMA CARTA

Não resistimos á tentação de publicar a seguinte carta que nos foi enviada por uma Senhora dos mais apurados sentimentos cristãos e humanitários, alma nobre e sensível ás miserias alheias.

Que a sua modestia nos perdõe, mas é necessário que estes exemplos se conheçam para que os outros os sigam.

Contortar a miseria, condoer-se do proximo com os olhos em Cristo que coisa tão bela!

Todos os meses este casal abençoado nos envia 5\$00 para o Pão de Santo Antonio e de vez em quando tem destes belos gestos. Que o Senhor os recompense com largos anos de vida.

A Ex.ª Sr.ª D. Laurinda Candida Lebreiro a expressão bem viva do nosso reconhecimento em nome dos pobres da terra de seu bondosissimo marido e nosso amigo Sr. Manuel dos Anjos Lebreiro.

Segue a carta:

Rev.º Senhor:

Barcelos, 23 de Março de 1936.

Peço licença para apresentar a V. Rev.ª os meus respeitosos cumprimentos.

Desde criança que tenho presente na memória e na retina aquele expressivo e luminoso quadro de Jesus Cristo, chamando a si as pobres criancinhas da Galileia, ás quais prodigalizava os mais ternos e meigos carinhos á vista das proprias mães e dos rudes Apostolos, que pretendiam afastar-as com receio de importunar o Mestre.

Mas, a que propósito venho eu evocar esta cena, cheia de beleza e encanto, que só a simples narrativa alegre e comove os corações das mães cristãs?

É que, meu bom padre, a minha profissão obstetrica tem uma certa ligação harmonica com aquelas palavras do Divino Mestre, que me impõe o dever moral de acarinhar e dar vida aos pequeninos seres que as mães me confiam, ás quais continuo dizendo:

Deixai vir a mim as criancinhas...

Ora, como o terceiro artigo das Obras de Misericórdia nos impõe o dever de vestir os nus, envio-lhe nesta data e pelo caminho de ferro, um caixote contendo dois modestos enxovais, confeccionados por mim, nas horas vagas, que fará o favor de entregar ao nosso hospital, para serem distribuidos por duas parturientes pobres das mais necessitadas da nossa vila, de preferencia casadas e católicas praticantes.

Era meu desejo, podendo ser, que ás crianças contempladas fosse dado o meu nome e de meu marido seguindo o sexo.

Desculpe-me e creia-me

De V. Rev.ª

Serva muito grata.

Laurinda Candida Lebreiro

JOÃO DE SOUSA

Ligeiramente incomodado de saúde, tem estado de cama o nosso distinto camarada de redacção sr. João de Sousa.

"A ORDEM,"

A este semanario catolico que honra o jornalismo, enviamos as nossas cordiais saudações pelo seu 24.º aniversario.

PAGINA DO CONCELHO

Aldreu, 1 de Maio

(Atrazada na Redacção)

Acabamos de chegar de Barcelos. O cortejo do Trabalho deixou-nos deslumbrados! Nunca julgamos que iam assistir a tão bela parada agricola e industrial. Foram 109 carros que desfilarão diante dos nossos olhos extasiados e durante duas horas.

A nossa freguesia, que está a ser conhecida pela sua deliciosa manteiga, fabrico da «Cooperativa Agrícola de Lactícínios da Ribeira do Neiva», apresentou um lindo carro, um dos primeiros do cortejo.

As raparigas que nêlo seguiam vestiam casacos alvíssimos e manejavam as maquinas empregadas no fabrico da manteiga. Entre outros versos, alusivos á sua especialidade, cantavam quadras como estas:

Bem hajam pobres e ricos
Que trabalham dia a dia
O trabalho dá saude
Dá-nos pão e alegria.

Benditas sejam as mãos
Que produzem pão e vinho
As nossas fazem manteiga
Do leite puro, branquinho.

Vós todos que já provastes
Da manteiga de Aldreu
Bem sabeis: coisa tam fina
Não ha debaixo do ceu.

È nosso o pão que comemos
Fruto do nosso labor
Os manjares dos ociosos
Não lhes saberão melhor.

Romeirinhos do trabalho
Vinde á nossa romaria
Trazei-nos as vossas penas
Levai a nossa alegria.

O' infinita alegria
De se comer e gozar
O que as mãos durante o dia
Ganharam a trabalhar

A cada uma destas quadras respondia o côro das numerosas condutoras de leite que seguiam atraz do carro, com seus canecos:

Viva o trabalho
Viva a riqueza
Viva o pãozinho
Da nossa mesa

Ao passar em frente ao estrado onde se encontravam os Ministros e autoridades, mãos levantadas, cantaram:

Senhores Ministros
Desta Nação
Levai o Minho
No coração.

Ora digam lá se não merece um parabem a Cooperativa de Aldreu.—C.

Macieira, 9

Foi hoje sufragada a alma de Florinda da Fonseca e Sousa com officio de corpo presente e missa, não deixando de comungar no mesmo dia o que foi seu marido Antonio Pereira de Oliveira e seus filhos pela mesma, continuando assim a radicar-se o santo e piedoso costume.

Na proxima 5.ª-feira será a missa do 7.º dia pela mesma intenção.

—A 10 reuniu-se a comissão que se encarregou da confecção do carro que representou esta freguesia no Cortejo Agrícola de Barcelos, e verificou-se que com ele se dispenderam 572\$35. Contribuiram para ele: A comissão das

Festas de Barcelos, e os srs. Dr. José Alves Ferreira, João Francisco Rios Novais, José Alves Ferreira, José da Silva Campos, Antonio dos Reis Padrão, Antonio Gomes de Araujo, Manuel Martins de Campos, Manuel Francisco Rios Novais, Luiz Gonzaga Ferreira e P.º Manuel Fernandes Portela.

A julgar por este, por quanto ficaram todos os carros?

—Aquela gralha da ultima correspondencia foi descabelada de todo: estava escrito *ioviais*, uma palavra muito delicada e linda, e aparece na *letra de forma jorras*, que desconheço em português. Que diria o amigo Cerqueira e seu pessoal ao ler aquele pastelão, que não dava sentido nenhum.

Fique sabendo o nosso amigo, que a culpa não foi minha, e que tambem fiquei arreliado.—C.

Silveiros, 12

Embora temporariamente e onde já passou as imponentes festas da cidade, fixou residencia no seu nôvo palacete á Pedra do Couto o nosso querido conterraneo e grande benemerito sr. Miguel Miranda.

—Ao formidavel e grandioso cortejo do Trabalho associou-se um interessante carro desta freguesia. Pena foi, que fosse preciso recorrer ao auxilio de uma camionete, em virtude de já em Barcelinhos ter partido o seu eixo.

È digno de louvores o nosso rev.º pároco e a ex.ª familia Fonseca Novais, pelo valioso auxilio prestado na sua organização e embelezamento.

—A semana passada faleceu vitima

da terrivel tuberculose Antonio Martins Lage de 24 anos. Paz á sua alma.

—Na ultima 5.ª-feira realizou-se o casamento do nosso amigo sr. Antonio Araujo Miranda socio da fabrica desta freguesia, com a sr.ª Miquelina Miranda Campêlo da casa do Ribeiro desta freguesia.

Que sejam muito felizes, eis o que lhe desejamos.

—Com o bom tempo tem-se posto em dia os varios serviços agricolas em atraso.

Os vinhos prometem. Oxalá o ano agricola seja abundante, para assim compensar os sacrificios feitos pelo desprotegido lavrador.

—No proximo domingo 17 do corrente haverá na sede da Cooperativa Electrica do Vale de Este a convocada Assembleia. Parece querer procurar-se afastar ou desgostar, quem tem dirigido e administrado aquela Empresa digna e honestamente, o que é deveras lamentavel.

—Esteve doente, chegando a inspirar cuidados, o rev.º José de Araujo Ferreira muito digno pároco de Carvalhas e Rio Côvo.

—Tambem tem estado gravemente enfêrma a sr.ª Teresa Gomes de Oliveira, pelo que chegou a receber o sagrado Viatico.

A ambos desejamos pronto restabelecimento.

—Há aqui grande interesse em assistir aos imponentes festejos do dia 26 em Braga, onde condignamente se vão homenagear os percusores da gloriosa jornada do 28 de Maio.—C.

Remelhe, 10

Tem-se feito todos os dias os exercicios em honra do Coração de Maria.

—Sepultou-se, ha dias, Manoel Roque da Cruz. Tinha setenta e sete anos de idade. A sufragar-lhe a alma teve officio de corpo presente. Paz á sua alma.

—Na freguesia de Gual faleceu o rev.º sr. P.º Antonio da Silva. Paz á sua alma.

—Acha-se doente o sr. Major José Simões da Silva Trigueiros. Tem sido tratado pelo abalisado clinico sr. dr. Matos Graça, de Barcelos.

Que as suas melhoras se acentue, são os nossos votos.

—Por alma de José da Silva Brito foi ha dias resada uma missa na nossa igreja paroquial.

—Daqui foi quasi toda a população ás festas de Barcelos. A impressão que trouxeram delas foi a melhor. De facto foram boas; foram imponentissimas.—C.

S. Vicente de Areias, 11

Tem havido diariamente, no fim dos exercicios marianos, ensaios da J. O. C. e das J. O. C. F. não só relativos ao côro faceado como tambem á missa dealogada para o dia das juventudes, 21 de Junho proximo.

Hontem a missa paroquial foi dealogada produzindo excelente impressão nos assistentes. Antes de principiar a missa todos os jocistas formaram no adro, ala esquerda, e entraram na Igreja marchando com garbo e cantando o Hino Jocista. O paroco ao Lavabo, depois da pratica, explicou o que era a missa dealogada.

—No dia 13 haverá na nossa Igreja a missa do aniversario do falecimento de Maria Rosa Pereira. Parece que foi ainda á pouco e são decorridos já doze mezes. Como o tempo passa rapido e quam poucos se lembram disso! Neste dia haverá tambem a Devoção a N. Senhora de Fatima e á noite haverá a Hora Santa.

—Fazem anos a 15 Manuel José Torres e Maria Augusta da Costa Maciel; a 16 Julia de Oliveira Soutelo e Ana Joaquina Gonçalves; a 17 Maria Joana Barbosa; a 20 Alvaro Corrêa Lopes.—C.

Alvelos, 12

Esta freguesia ocupou com brio o seu lugar no cortejo regional do trabalho nas festas da cidade apresentando um artistico e bem organizado carro representativo da industria de arcos, em que trabalha o sr. João de Sousa e filhos.

—A sr.ª Angelina Rosa de Miranda acha-se consideravelmente melhor dos graves ferimentos recebidos a quando do assalto e roubo no dia de quinta-feira santa na vinda da feira de Barcelos. Os terriveis saltiadores que a feriram e roubaram continuam desconhecidos, porquanto eles proprios não iriam denunciar-se como tais.

—Voou ao Céu um filhinho do sr. Antonio José de Sousa e esposa, do lugar do Pinheiro, e neto do sr. Regedor desta freguesia

—Visitado pela gripe tem passado um pouco encomodado o sr. abade desta freguesia, que felizmente vai melhorando, o que sinceramente estimamos.—C.

ASSINANTES DO CONCELHO

A todos os assinantes onde ainda não temos pessoa encarregada de fazer a cobrança, pedimos o especial favor de virem pagar as suas assinaturas á tipografia do nosso jornal, em frente ao Correio Geral.

Belmiro Soto-Maior, da Covilhã. Esc. 23\$40

Alexandrino Pires Carneiro, de Barqueiros—Barcelos. . . . Esc. 23\$40

Francisco Gomes Ferreira de Barqueiros—Barcelos. . . . Esc. 36\$00

João Baptista Fernandes, de Encourados—Barcelos. . . . Esc. 43\$50

Dr. Adélio Marinho

Consultorio e Residencia
Rua Dom António Barroso, 141
Telefone 28

Furtado Martins

Advogado

Largo José Novais, 15

Advogado

António Pedrosa Pires de Lima

Campo 5 de Outubro
Consultas das 4 ás 6

José Perestrelo

Largo José Novais—BARCELOS
Automoveis de aluguer
Oleos e gasolinas

Novo ministro da Guerra

Por ter pedido a demissão de ministro da Guerra, o sr. coronel Passos e Souza, figura prestigiosa da actual situação, foi nomeado, interinamente, ministro dessa pasta, o sr. dr. Oliveira Salazar, illustre Presidente do Conselho e Ministro das Finanças.

Ao acto de posse, realizado na última segunda-feira compareceram inúmeras individualidades civis e militares, tendo nesse acto sido pronunciados notáveis discursos, que depois faremos a devida referência, pelo sr. dr. Oliveira Salazar, pelo sr. coronel Passos e Souza, ministro cessante e general Moraes Sarmento, major general do Exército.

SOCIEDADE

**Aniversários
Fazem anos:**

Hoje: o sr. Dr. Joaquim Gonçalves Pais de Vilas boas e a menina Maria Fernanda, filha do sr. Dr. Fernando Augusto Moreira.

Amanhã—os srs. Adelio Pereira Esteves e José Moreira da Costa.

Dia 17—a sr.ª D. Idalina da Costa Portela, a menina Maria Lidia Ferreira Carmo Calheiros da Silva e o sr. José Maria Gomes de Carvalho.

Dia 20—as sr.ªs D. Samarina Coelho Gonçalves Vaz e D. Irene Miranda de Andrade.

**Comissão de Viticultura da
Região dos Vinhos Verdes
PORTO**

SECÇÃO DE BARCELOS

Vinho vendido neste concelho no mês de Abril findo, das colheitas de 1934-35.

	Tinto Pipas	Branco Pipas
Para dentro do concelho	244	5
Para fora do concelho		
Braga	31	
Esposende	7,5	
Póvoa de Varzim	128	3
Vila do Conde	36,5	1
Vila Nova de Famalicão	18,5	4
Viana do Castelo	5	
Vila Verde	1	
Santo Tirso	13	
Ponte do Lima	2	
Matozinhos	8	1
Maia	1	
Gondomar	1	
Porto	3	
Total	499,5	14

Bom emprêgo de capital

Propriedade de rendimento alodial por 20.000\$00 em Vila Boa S. João. Uma pequena casa na Rua das Capelas, por 4.000\$00.

Informa Francisco Lopes da Silva—Largo da Estação—Barcelos.

COMARCA DE BARCELOS

ANUNCIO

1.ª publicação

Para os devidos efeiros se anuncia que nos autos de execução fiscal da Fazenda Nacional contra Maria de Assunção Faria de Macedo, da freguesia de S. Romão da Ucha, desta comarca, foi designado o dia 24 do corrente, por 11 horas, para a arrematação em hasta pública e á porta do tribunal judicial, do direito e acção que a executada tem, em comum com sua filha Helena Faria de Azevedo, a metade de uma leira de lavradio e mato no lugar de Terrosêlo, daquela freguesia e que será entregue a quem maior lanço oferecer acima do valor que segundo o rendimento colectavel da matriz é de 996\$60, ficando a sisa e despesas da praça á custa do arrematante. Para assistirem e deduzirem os seus direitos são por este meio citados todos e quaisquer interessados ou credores da executada.

Barcelos, 8 de Maio de 1936.

O Chefe da 2.ª secção:

a) Delfino de Miranda Sampaio

Verifiquei:

O Juiz de Direito:

a) A. de Palhares Falcão

AS BOLACHAS

“Villares”

são Bolachas
porque são

“Villares”

A' venda em toda a parte

VISITEM O GRANDE E LUXUOSO

Salão de Chá

DA

Confeitaria “VILLARES”,
RUA FORMOSA—PORTO

EDITAL

Francisco José Monteiro Torres, Administrador do Concelho de Barcelos:

Para conhecimento de todos e a-fim de esclarecer todas as dúvidas que os proprietários de instalações de moagens de farinhas em rama possam ter no que se relaciona com o fabrico e comércio das mesmas farinhas, taço saber que esta secretaria baixou a circular n.º 5 da Inspeção Técnica das Industrias e Comércio Agrícolas com as instruções do teor seguinte:

1.º—Que as autorizações para funcionamentos de depósitos de venda e trocas de farinhas em rama, concedidas até á publicação do Decreto-lei n.º 25.732, caducaram por efeito deste Decreto-lei;

2.º—Que os depósitos de venda de farinhas de trigo peneiradas, devidamente autorizadas e os de venda de farinhas de milho e centeio, peneiradas ou não, podem continuar funcionando;

3.º—Que as fábricas inscritas ao abrigo do artigo 32.º do decreto-lei n.º 25.732, ainda que anteriormente á publicação deste decreto, tivessem sido autorizadas a estabelecer depósitos de venda ou de trocas, deixaram de ter direito a estas autorizações, devendo por isso requerer a sua abertura;

4.º—Que os depósitos cuja autorização de funcionamento seja concedida nos termos legais, só pod rão efectuar ven-

das. As trocas que não sejam feitas por intermédio da Federação Nacional dos Productores de Trigo, nos termos do § unico do artigo 8.º do Decreto-lei n.º 25.732, não são permitidas, incorrendo os delinquentes nas disposições dos artigos 60.º e 63.º do Decreto-lei n.º 25.732; e artigo 9.º do mesmo decreto-lei;

5.º—Que as instalações de moagem de farinhas de trigo, em rama, não inscritas nos termos do artigo 32.º do Decreto-lei n.º 25.732, só podem vender farinhas de trigo nas próprias instalações de fabrico ou não, ao domicilio, para fabrico de pão caseiro;

6.º—Todos os depósitos de fábricas inscritas nos termos do artigo 32.º do já citado Decreto-lei, n.º 25.732 cuja abertura ou reabertura sejam autorizadas, só poderão funcionar em nome do individue ou da firma requerente, productores da farinha, não podendo, pois, existir, sob qualquer titulo, representantes ou intermediários. A autorização para cada depósito deve ser requerida separadamente.»

Barcelos e Secretaria Municipal, 12 de Maio de 1936.

E eu António Pedroza Pires de Lima, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

O Administrador do Concelho
Francisco José Montelro Torres

FORD

Vende-se em bom estado.
Falar nesta redacção.

BLOCO BARCELOS, S. A. R. L.

BARCELOS (FABRICA DA GRANJA) TELE { FONE 27—BARCELOS
4775—PORTO

EMPRESA DE CONSTRUÇÕES

ESPECIALISADA EM

CASAS ECONOMICAS

Fornecimento de vigamentos, Fabrica de Serração soalhos, esquadrias, Materiais de construções, etc.

MADEIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

— — MOVEIS E DECORAÇÕES — —

LARANJINHA BOM JESUS

(NATURAL)

CONTÉM O SUCO DA LARANJA E TODAS AS VITAMINAS DE FRUTO FRESCO

CERVEJAS

AVIZ, TOPAZIO E PEROLA

CIDRALIA

DELICIOSO REFRIGERANTE DE VINHO BRANCO

A' venda em todos os bons estabelecimentos

Depósito em Barcelos—MERCEARIA MACIEL

HOSPITAL DA MISERICORDIA

Movimento durante o mês de Abril — 1936

DOENTES HOSPITALIZADOS

Existiam em 31 de Março		Entraram durante o mês de Abril		Faleceram		Sairam		Existem	
H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.
18	24	17	17	2	3	15	16	18	22

DOENTES EXTERNOS

Curativos feitos no «Banco» — 612
Sendo: a homens 248 } . . . 290,
a menores varões. 42 }
a mulheres. 235 } . . . 322
a menores fêmeas. 87 }